

SOCIOLOGIE:

ORDEM E POLÍTICAS SOCIAIS NA ATUALIDADE

2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
MARIA FILOMENA RODRIGUES TEIXEIRA
SILVÂNIA MARIA ROSA
(ORGANIZADORES)

SOCIOLOGIE:

ORDEM E POLÍTICAS SOCIAIS NA ATUALIDADE

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
MARIA FILOMENA RODRIGUES TEIXEIRA
SILVÂNIA MARIA ROSA
(ORGANIZADORES)

2

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Sociologie: ordem e políticas sociais na atualidade 2

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Silvânia Maria Rosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 Sociologie: ordem e políticas sociais na atualidade 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Maria Filomena Rodrigues Teixeira, Silvânia Maria Rosa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-680-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.802212911>

1. Sociologia. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Teixeira, Maria Filomena Rodrigues (Organizadora). III. Rosa, Silvânia Maria. IV. Título.
CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, saudação.

Colocamos à sua disposição a obra - “Sociologie: Ordem e política sociais na atualidade”, organizada em dois volumes. Uma obra que nasceu marcada pela força e expansão de seus discursos no campo das ciências sociais e áreas afins, requerendo diálogo e reflexão sobre questões que nos são caras, necessárias e urgentes nesta nova ordem social. Uma obra editada em várias mãos e idiomas, envolvendo pesquisadores de vários países, comprometidos com a reflexão permeada por ordens políticas e sociais que emergem em contextos sociais ao redor do mundo. Neste primeiro volume, os textos apresentam grande diversidade e estabelecem vínculos com as seguintes palavras-chave: Anatomia do idoso; Atualidades; Comunidade marginada; Desenvolvimento socioeconômico e humano; Desenvolvimento urbano; Engajamento; Estudo comparativo; Família; Feminismo; Gênero; Jornalismo colaborativo; Licenciatura; Liderança comunitária; Mediação da informação; Movimento Social; Mulher; Organizações; Pandemia; Política de cotas; Políticas sociais; Prática docente; Preconceito; Sociedade; Sociedade civil; Sociologia. Desejamos a todos você uma excelente leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Cinara Miranda Chaves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O PENSAMENTO CULTURAL KAINGANG SOBRE SAÚDE


Alice do Carmo Jahn
Gabriela Manfio Pohia
Elaine Marisa Andriolli
Marta Cocco da Costa
Ethel Bastos da Silva
Antonio Joreci Flores

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129111>

CAPÍTULO 2..... 14

PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN EN PERSONAS EN CONDICIÓN DE DISCAPACIDAD. ESTUDIO DE CASOS EN CIUDAD DE MÉXICO


Carlota Marisol García Pacheco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129112>

CAPÍTULO 3..... 31

VIOLENCIA FÍSICA, CUERPOS VIOLENTADOS Y EMOCIONES VULNERADAS. CASO DE ESTUDIANTES DE LA UNIVERSIDAD VERACRUZANA


Jeysira Jacqueline Dorantes Carrión

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129113>

CAPÍTULO 4..... 44

GRANDES PROJETOS AMBIENTAIS E A RECONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO. FISCAL OU PARCEIROS?


Maria de Lourdes Cútalo de Lira Basques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129114>

CAPÍTULO 5..... 50

PROPUESTA DE ACOMPAÑAMIENTO A PROFESORES PARA ABORDAR LA INCLUSIÓN/EXCLUSIÓN EN LA ESCUELA

Ruby Vizcarra


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129115>

CAPÍTULO 6..... 61

POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR: UM 'ESTADO DA QUESTÃO' SOBRE A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA ESTUDANTIL

Rita de Cássia Soares de Souza Bueno

Neusa Chaves Batista


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129116>

CAPÍTULO 7..... 78

TEMPORALIDADES DEL EJERCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL (EZLN) Y

CONGRESO NACIONAL INDÍGENA (CNI) EN ESPACIOS INSTITUCIONALES
DIGNIDAD Y ESPERANZA EN EL TABLERO DE LO POLÍTICO

Fernando Matamoros Ponce

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129117>

CAPÍTULO 8..... 93

SABERES TRADICIONAIS SOBRE TERRITÓRIO E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NA INTERFACE DA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM COMUNIDADES
INDÍGENAS DO NORTE DE RORAIMA


Arlene Oliveira Souza

Alessandra Rufino Santos

Franzmilller Almeida Nascimento

Marília Pereira da Silva

Vicente José de Souza


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129118>

CAPÍTULO 9..... 108

VALORAÇÃO AMBIENTAL DO RIO DA MADRE NA GUARDA DO EMBAÚ- SC

Julio Cesar Lopes Borges

Adriano de Amarante

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129119>

CAPÍTULO 10..... 121

UNA ESTRATEGIA DE PREVENCIÓN PARA DISMINUIR EL ÍNDICE DE CÁNCER DE
MAMA EN MUJERES MAYORES DE 25 AÑOS, EN EL CENTRO ESTATAL DE ATENCIÓN
ONCOLÓGICA DE MORELIA MICHOACÁN

Gaudencio Anaya Sánchez

Adriana Calderón Guillén

Víctor Hugo Anaya Calderón

Estefany del Carmen Anaya Calderón

Roger Nieto Contreras

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291110>


CAPÍTULO 11..... 136

TURISMO E IMPACTOS AMBIENTAIS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL EM MARAÚ-BA

Andressa de Sousa Santos Ferreira

Helena Maria de O. Martins

Kamile Ferreira Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291111>

CAPÍTULO 12..... 149

VOICES REFLECTING THE BURDEN OF DISEASE IN MEXICO





Blanca Estela Pelcastre-Villafuerte

María Guadalupe Ruelas-González

Tonatiuh González-Vázquez

Héctor Gómez Dantés

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291112>

CAPÍTULO 13.....	166
TEORÍA SOCIAL CRÍTICA MÁS ALLÁ DE LA MODERNIDAD	
Susana Raquel Barbosa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291113	
CAPÍTULO 14.....	173
EL “ENVERDECIMIENTO” DE COSTA RICA: UNA GUERRA CONTRA LA SUBSISTENCIA	
Ana Isla	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291114	
CAPÍTULO 15.....	188
TRAJETÓRIA DE AGRICULTORES FAMILIARES: SUAS POTENCIALIDADES E PERSPECTIVAS DE AÇÕES COLETIVAS COM CONTRIBUIÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA-UFSM	
Alice do Carmo Jahn	
Antonio Joreci Flores	
Elaine Marisa Andriolli	
Marta Cocco da Costa	
Ethel Bastos da Silva	
Gabriela Manfio Pohia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291115	
CAPÍTULO 16.....	200
PROPUESTA DE EDUCACIÓN SUPERIOR INTERCULTURAL PARA LA DESCOLONIZACIÓN DE LA VIDA. CASOS DE LA UNIVERSIDADES INDÍGENAS TUPAK KATARI, BOLIVIA E INSTITUTO SUPERIOR EUGENIO ESPEJO, ECUADOR	
Aquiles Alfredo Hervas Parra	
Tania Leonor Parra Proaño	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291116	
SOBRE OS ORGANIZADORES	216
ÍNDICE REMISSIVO.....	218

CAPÍTULO 13

TEORÍA SOCIAL CRÍTICA MÁS ALLÁ DE LA MODERNIDAD

Data de aceite: 01/11/2021

Susana Raquel Barbosa

lifleo -Universidad del Salvador

RESUMÉN: Si estamos de acuerdo sobre el punto de que los pensadores de la primera generación de la escuela de Frankfurt conforman un eje clásico de pensamiento y se desenvuelven entre la herencia del idealismo y la del marxismo postulando una crítica de la sociedad y la ciencia, vamos a estar de acuerdo también en que es difícil separar su propuesta de la última modernidad. Nuestra intención es pensar cómo se puede establecer una continuidad de crítica no moderna en estos pensadores a partir de algunas preguntas sin respuesta a la polémica Habermas-Marcuse en torno a la tecnología. Nuestra intención es también pensar los límites que vuelven (im)posible un diálogo entre la sociedad, la ciencia y la tecnología en torno a la persistente idea de dialéctica y tensión, presente en el interior de los problemas. Desde una historia crítica de las ideas filosóficas y asumiendo los postulados básicos de la primera teoría crítica, intentamos ofrecer un estado de la cuestión relevando los argumentos de Habermas y Marcuse pero especialmente la interpretación que Andrew Feenberg aporta casi dos décadas después y las suturas que ofrece desde su propuesta de racionalidades/modernidades alternativas.

PALABRAS-CLAVE: Teoría social, perspectiva crítica, modernidad alternativa.

SOCIAL THEORY CRITICAL IN ADDITION MODERNITY

ABSTRACT: If we agree on the point that the first generation of Frankfurt School's thinkers form a classic axis of thought and develop between in heritage of Idealism and Marxism postulating a critique of society and science, we will also agree that it is difficult to separate his proposal from the latest modernity. Our intention is to think about how a no-modern continuity of criticism of these thinkers can be established from some unanswered questions in the Habermas-Marcuse controversy about technology. Our intention is also to think the limits that make (im) possible a dialogue between society, science and technology around the persistent idea of dialectics and tension, present in the interior of problems. From a critical history of philosophical ideas and assuming basic postulates of the first critical theory, we try to offer a state of the question relieving the arguments of Habermas and Marcuse but especially the interpretation that Andrew Feenberg contributes almost two decades later and the sutures offered from his proposal of alternative rationalities/modernity.

KEYWORDS: Social theory, critical perspective, alternative modernity.

INTRODUCCIÓN

Sobre la teoría social crítica de la sociedad y de la ciencia del siglo XX y sus herederos en el siglo XXI

Cuando los integrantes del Instituto de

Investigación Social de Frankfurt organizaron unas jornadas para el estudio del trabajo a principio de los años '20 del siglo XX ignoraban que sus propuestas seguirían inquietando a la academia sudamericana cien años después. La intersección de variables que se cruzara entre 1880 y 1920 en la dimensión cultural y política, produjo en la teoría social y filosófico-social importantes cambios. La retracción del último sistema político de la modernidad, el idealismo, generó un vacío teórico que sólo pudo ser compensado con la fuerza de impacto con que se configuró la praxis y la filosofía que la secundara. En este punto, precisamente, se encuentra la propuesta del Instituto de Investigación Social de Frankfurt. Con la ventaja que le concedía la importancia de su mirador de privilegio, la teoría crítica pudo arrogarse el gesto de revisar toda la historia de Occidente desde este enclave de fusión, enclave que concilia segmentos del ideario idealista con certezas sueltas de la filosofía de la praxis.

En Hegel y Marx entonces se diseñó este producto capaz él mismo de desarticular la caja negra de la filosofía dogmática y de exhibirla en sus partes al mundo académico, de mostrar la endeblez de muchas de sus tesis incontrovertibles, de desnudar la frágil estructura que la sostenía. La crítica de la sociedad y de la ciencia se realizó desde este nuevo iluminismo que no temió exponer sus reservas frente a una razón que en su recorrido había sido esquiva de su propio carácter, ya que había incumplido lo que desde el inicio, estuvo reputado en primer orden, la emancipación.

Aquellos primeros integrantes del círculo interior y exterior del Instituto de Frankfurt, según la expresión de Honneth¹, ignoraban también que serían posteriormente considerados como la generación primera a la que luego seguirían otras, con Jürgen Habermas a la cabeza de la segunda y Axel Honneth liderando la tercera. Desoímos esta obligada sucesión de generaciones y colocamos al filósofo canadiense Andrew Feenberg² como el heredero legítimo del Instituto de Frankfurt en el mundo académico no europeo.

1 | RAZÓN Y TÉCNICA EN SUS USOS NO MODERNOS

Hacemos girar la cuestión ahora en torno a dos problemas y campos epistémicos, la razón/racionalidad, la técnica/ tecnología.³ Tal como lo hemos investigado, la tradición que instala la teoría crítica se caracteriza por gestionar usos no modernos de un campo cognitivo, la razón.⁴

1 Axel Honneth: „Kritische Theorie. Von Zentrum zur Peripherie einer Denktradition“, Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie, 1 41 (1989), 1-32.

2 Proyecto actual bajo mi dirección, “Riesgo, cultura y técnica en la organización social. El aporte de Mary Douglas, Jürgen Habermas y Andrew Feenberg para interpretar el proyecto de la modernidad”, lífleo, Universidad del Salvador (Sigeva-Usal/Conicet 80020200100118US) – 2022-2020.

3 La teoría crítica es crítica de la sociedad y la ciencia, según la concepción de Horkheimer y Adorno en 1920 y 1930. Consideran a la técnica y a la tecnología en forma separada. Hoy, en el campo de la filosofía de la tecnología, podemos hablar de tecnociencia, con lo cual unimos lo que en el siglo XX estaba separado. Cfr. Susana R. Barbosa, 2003: Primera Parte.

4 Proyecto (concluido) bajo mi dirección, “Usos del cambio, la razón y la técnica en la crítica de la metafísica, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse-Andrew Feenberg”, Instituto de Investigaciones en Filosofía, Letras y Estudios Orientales (lífleo), Facultad de Filosofía, Universidad del Salvador, 2018-2016, Código VRID: 1536. Sus resultados aparecen en S. Barbosa, R. Conti, C. Segovia y otros, *Razón, técnica, historia en sus usos no modernos como pilares de la crítica de la metafísica: Theodor Adorno, Hannah Arendt, Andrew Feenberg*, - 1ª ed. – Mar del Plata:

Estos usos son recibidos por Horkheimer, Adorno y Marcuse como el legado de Nietzsche (especialmente los trabajos de 1870) y de Marx (principalmente *Los Manuscritos de París*). ¿Qué significa que los usos del campo epistémico de la razón sean no-modernos? Mucho. En principio no se trata de una razón à la Kant, escindida y fracturada en secciones sin contacto, tampoco se trata de una razón reducida a su mero uso instrumental.⁵ Se trata de una razón que busca ser racional, expresión paradójica que derivamos de Herbert Marcuse, ‘razón irracional’. Con respecto al segundo concepto y campo epistémico, la técnica, encontramos un muro en el interior de la teoría crítica. Hoy podemos decir con la ventaja que nos concede el conocimiento de las innovaciones que llegaron después, y a riesgo de caer en un anacronismo, que la concepción de la técnica es pobre. Y lo es porque el grueso de las producciones de Horkheimer, Adorno y Marcuse registra un uso del concepto de técnica que Andrew Feenberg colocaría del lado de las definiciones esencialistas y sustantivistas⁶ y que él opone a las definiciones constructivistas. El apetito esencialista de la definición descubre que la exhaustividad es inalcanzable y que Porfirio en todo caso fue el guión legítimo para las definiciones del cuatrocento.

2 I URGENCIA POR UN ENCLAVE LATINOAMERICANO

En primer lugar cabe aclarar que lo técnico es el aspecto con el que la globalización cultural se presenta en la sociedad altamente desarrollada; en nuestra sociedad, como una emergente o menos desarrollada, la globalización cultural presenta el aspecto de una sociedad que encierra la equis (‘x’) de su evolución futura. En ambas sociedades la presencia de lo técnico parece ser la esfera predominante, pero la diferencia que enfrenta las dos posiciones sociales es la de quién manda y quién obedece. La filosofía crítica de la tecnología toma la palabra desde la idea y el discurso para modificar la sumisión obediente de los países en desarrollo, para obviar el mandato de la sociedad altamente desarrollada acerca de lo que nos cabe esperar en materia de técnica y tecnología, y a fin de ofrecer una visión crítica de la mano de Andrew Feenberg.

En segundo lugar, este autor canadiense ha planteado el tema de América latina y su desarrollo activo en varias oportunidades en las que estuvo en Buenos Aires y en su propuesta de una modernidad alternativa⁷. Andrew Feenberg propuso esta tesis durante la década que él residiera en Japón y a propósito del afán del academismo europeo por identificar modernización y racionalidad con la civilización occidental. Nosotros pensamos que la propuesta elaborada a propósito de la modernidad japonesa en la posguerra es un enfoque aplicable a la interpretación de la modernidad acorde como se ha dado en América

Universidad Nacional de Mar del Plata, 2016. Libro digital, PDF (ISBN 978-987-544-726-4).

5 Max Horkheimer, 1992, Introducción.

6 Sin embargo, en algunos tramos de su producción reciente, Andrew Feenberg parece aceptar que Marcuse vislumbró un alcance de lo técnico mucho más extendido y, en ese sentido, superador del *corset* del límite esquemático de esencialismo-sustantivismo.

7 Andrew Feenberg, 1995: Parte IV.

latina, con desfasajes entre la modernización y el modernismo, tal como lo interpretara en su hora José Joaquín Brunner.⁸

3 I OBSERVACIONES DE ANDREW FEENBERG A LA TEORÍA DE LA TÉCNICA DE HABERMAS⁹

Feenberg es el principal referente de la filosofía de la técnica no solo porque ha sabido estilizar su propuesta desde la filosofía clásica en diálogo con la teoría crítica, sino porque ha establecido intercambio con los estudios sociales de la ciencia y la técnica y por su militancia vociferante de cambios sociopolíticos radicales. A Andrew Feenberg le interesa especialmente el lado político de la técnica, interés que pudo hacer fructificar en la teoría general de la instrumentalización.

Su teoría toma ventaja de las teorías esencialistas y constructivistas de la técnica.¹⁰ Las teorías esencialistas se organizan en torno a la pregunta por el *qué* (*esencia*) de la técnica y provienen de la filosofía y las teorías constructivistas se organizan en torno a la pregunta por el *cómo* (*mediante contrastación empírica*) y proceden de los estudios sociales de la técnica. La particularidad de la teoría de la instrumentalización radica en aprovechar la propuesta desde la esencia (*qué*), pero reformulando la idea misma de esencia¹¹ y aprovechando también el *cómo* de la sociología de la técnica.

3.a- Ambigüedad de las distinciones analíticas y reales

En el artículo temprano “Ciencia y técnica como ideología” de 1968, Habermas ofrece una teoría transhistórica (sistemática) de la esencia de la acción técnica en general: mientras las formas históricas específicas de la ciencia y la técnica dependen de arreglos institucionales variables, su estructura lógica básica está arraigada en la naturaleza de la ‘acción racional con arreglo a fines’. En un principio Habermas argumenta que ‘trabajo’ e ‘interacción’ poseen su propia lógica; la tendencia tecnocrática de las sociedades modernas es una consecuencia de la falta de equilibrio entre estos dos tipos de acción.

El *sistema* está integrado por instituciones reguladas racionalmente por los *medios* (mercado, administración) y el *mundo-vida* (dimensión cotidiana de la interacción comunicativa); la patología de la sociedad moderna es la colonización del *mundo-vida* por el *sistema* (‘tecnificación del mundo de la vida’).

Dice Feenberg que hay una ambigüedad de las distinciones analíticas y reales entre *sistema* y *mundo de la vida*. Es decir, para Habermas la diferenciación entre *sistema* y *mundo de la vida* es analítica: el *sistema* no es exactamente una institución social pero se refiere a instituciones existentes como estado o mercado en las que predominan las interacciones guiadas por *medios*. El *mundo-vida* no es exclusivamente una institución comunicativa sino

8 José Joaquín Brunner, 1987.

9 Por un tema de espacio hemos quitado la crítica de Feenberg a Marcuse.

10 Andrew Feenberg, 2006: 21-25.

11 Esta idea la desarrollamos en el apartado b- de este mismo punto.

que describe instituciones como la familia, en las que predomina la comunicación. Pese a que Habermas dice que son analíticas y que no se identifican con instituciones reales, para Feenberg tienden a identificarse con las reales. El estado y la familia terminan ejemplificando el *sistema* y el *mundo-vida*.

Con respecto a una racionalidad alternativa, Habermas advierte que el proceso de racionalización de Max Weber es muy limitado porque se refiere exclusivamente a control técnico y en cambio propone la posibilidad de una racionalidad comunicativa, capaz de realizar la libertad humana, que fuera bloqueada en la modernidad.

Para Andrew Feenberg, Habermas no ofrece un criterio concreto para cambiar la tecnología. La interpretación habermasiana de la modernidad es esencialista porque interpreta los fenómenos históricos específicos de la técnica en términos de una construcción conceptualista de tipo sistemático, que da la espalda a la historia.

Habermas apunta a extraer demasiado, una teoría de la historia, a partir de unas pocas propiedades dispersas y abstractas. La debilidad de esta concepción salta ante la periodización histórica ¿cómo fijar el flujo histórico en una esencia singular? En Habermas distinguiendo estadios tempranos de tardíos en la historia de la acción técnica en términos de grado de pureza en los que se diferenciara respecto de otras formas de acción.

3.b- Esencia histórica, una corrección a la idea de la filosofía clásica

Nos interesa detenernos en el tema de la esencia; tomamos la propuesta de la instrumentalización secundaria de Andrew Feenberg para así poder convertir el tono agorero de Heidegger y Habermas de un futuro negro para el género humano a causa de una tecnología opresora, en una nueva mirada que ignora la idea de tecnología como destino.

Si la pregunta por la técnica en Heidegger se topa con la esencia de la técnica y con la interpretación del encuadre, la misma pregunta en Habermas, supone una idea de técnica tan platonizante como la anterior. En uno y otro caso se trata de concepciones sustancialistas del fenómeno de lo técnico; hay un *qué básico e indestructible*, axioma éste que posibilita una definición de la tecnicidad de lo técnico, de su esencia. Desde la Grecia antigua, desde antes de Sócrates, con Parménides, la esencia es por definición lo invariante, fijo, estático. Y desde la Academia de Platón, a la esencia se asocia la idea, no como representación sino como el ser en tanto forma y, en tanto tal eterno.

Tanto Heidegger como Habermas, inscritos en diferentes tradiciones inmediatas de referencia –hermenéutica y teoría crítica- pertenecen sin embargo al suelo compartido del Occidente conceptualizador que fija, en forma determinante, las características de las cosas con esencias invariantes. Con dialéctica o sin ella, ambos, Habermas y Heidegger, tienen certeza de que la técnica y su esencia, entran en una teoría con delimitaciones claras y explícitas. Y esta certeza acaso fuera la responsable de confirmar el gran prejuicio filosófico contra lo empírico y lo concreto en el campo de la filosofía de la tecnología.

Es este prejuicio, precisamente, el punto que intenta desafiar Andrew Feenberg con

el esfuerzo por ofrecer una idea alternativa no sólo de técnica sino de esencia de la técnica. Curiosamente la esencia de la técnica a lo Feenberg tratará de asir su socio-historia y de no isolarla de sus contextos políticos, económicos y culturales. Se trata de una concepción de esencia que atiende al enclave histórico del que proviene y que se abre, a la vez, a horizontes de futuros muy diferentes de los avizorados por las teorías referidas. En términos de la teoría filosófica de la tradición, esta formulación no está lejos de ser considerada como una *contradictio in terminis*. Pero ubico la intención de Feenberg para desalentar la argumentación precedente: quiere volver productivo el diálogo de sordos entre una teoría filosófica estancada en el campo del estudio de la tecnología y los resultados de la evolución de los estudios sociales de la ciencia y la tecnología.

CONCLUSIONES O LOS USOS DE LA MODERNIDAD

Con respecto a este punto y con relación a los discursos de los años '70 no se ha avanzado mucho más que en la firme convicción de la imposibilidad de algo local en sentido absoluto y estricto. Aquí podemos acudir a una teoría de la innovación y a otra de la recepción. Desde esta última, sabemos que no hemos recibido sin más las ideas que vinieron de afuera sino que incorporamos el plus de nuestra tarea de desincorporación o desagregación de las partes ensambladas de la teoría de la apropiación, y desde una teoría de la innovación admitimos que hemos gravado nuestro propio cuño en la teoría filosófica externa o hemos copiado creativamente.

Sabemos por estudios de los '80 que nuestra modernidad está inconclusa y para advertirlo no precisamos las convicciones de Habermas; y ello porque la cotidianidad de nuestro mundo-vida es una evidencia de peso y porque hay otras teorías interpretativas como las estadounidenses (por ejemplo, M. Berman) o las latinoamericanas (por ejemplo, J. Brunner) capaces de discutir una modernidad que en el Conosur asume modelizaciones y modulaciones de heterogeneidad, hibridación y asimetría que, si bien pueden resumirse con expresiones descriptivas como 'modernidad periférica', con ellas no se comprenden ni se superan.

Proponer una modernidad alternativa es intentar sustraerse a visiones colonizantes o prehibridadas; es admitir que los procesos de modernización en su peculiaridad abrieron la posibilidad de quebrar la idea de una modernidad única y universal.

BIBLIOGRAFÍA

Susana R. Barbosa (2003), *Max Horkheimer o la utopía instrumental*, 1ª ed. Buenos Aires, Fundación de Estudios para el Pensamiento e iberoamericano.

José Joaquín Brunner (1987), *Los debates sobre la modernidad y el futuro de América latina*, Materiales para el debate contemporáneo N° 14, Clacso, Santiago de Chile.

Andrew Feenberg (2000): "From Essentialism to Constructivism: Philosophy of Technology at the Crossroads" en E. Higgs, D.Strong and A. Light (eds.), **Technology and the Good Life**, Univ. of Chicago Press, 2000.

Andrew Feenberg (2006): "**Del esencialismo al constructivismo. La filosofía de la tecnología en la encrucijada**", trad. A. Lo Bianco e Ignacio Perrone, Universidad Nacional de Quilmes, 2006.

Axel Honneth (1989): „**Kritische Theorie. Von Zentrum zur Peripherie einer Denktradition**“, Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie, 1 41, 1-32.

Jürgen Habermas (1984), "Ciencia y técnica como ,ideología"" en J. Habermas, **Ciencia y técnica como ,ideología'** (*Technik und Wissenschaft als "Ideologie"*, Frankfurt 1968), trad. M. Giménez Redondo y M. Garrido, Tecnos, Madrid, pp. 53-112.

Max Horkheimer (1992), **Eclipse of Reason** (1947), Oxford University Press, New York.

--

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultores familiares 6, 99, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 198

C

Contribuições 6, 12, 74, 75, 102, 117, 188, 192, 199

Cultura 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 29, 30, 39, 42, 43, 53, 54, 77, 81, 94, 95, 97, 101, 103, 104, 106, 125, 132, 141, 164, 167, 175, 206, 211, 216, 217

D

Desenvolvimento local 5, 136, 137, 140, 147

E

Educação ambiental 5, 93, 94, 104, 107, 116

Educação do campo 5, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 105, 106

Educação superior 4, 61, 62, 63, 64, 67, 75, 76, 99

Emoções 31

Estudantes 4, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 202, 203

F

Foucault 14, 15, 16, 17, 18, 20, 29, 30, 56, 59, 83, 91, 204

I

Inclusão 76, 99, 111, 196, 199

J

Justiça social 61, 62, 63, 67, 68, 76, 77

K

Kaingang 4, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 190

M

Maraú 5, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

P

Participação estudantil 61

Política afirmativa 61, 62, 63, 65, 68, 77

Potencialidades 6, 2, 98, 105, 116, 136, 188, 189, 191, 192, 194

Prevenção 191

Processos de subjetivação 14

Professores 5, 68, 93, 96, 99, 100, 102, 103, 106, 109, 194, 196, 216, 217

Projetos ambientais 4, 44

R

Recurso ambiental 108, 110, 115

S

Saberes indígenas 93, 96, 99, 100

Saúde 4, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 99, 102, 103, 144, 146, 147, 149, 150, 192, 197, 199, 217

T

Território 5, 2, 4, 5, 6, 10, 11, 47, 93, 97, 104, 110, 136, 137, 138, 139, 146, 147, 148, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 199

Turismo 5, 46, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 146, 147, 148, 181, 182, 187, 212

U

Universidade 6, 2, 5, 11, 12, 13, 31, 44, 61, 69, 73, 74, 76, 93, 97, 99, 100, 105, 107, 108, 109, 116, 117, 136, 148, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 216, 217

V

Valoração 5, 76, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 118

SOCIOLOGIE:

ORDEM E POLÍTICAS SOCIAIS NA ATUALIDADE




2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

SOCIOLOGIE:

ORDEM E POLÍTICAS SOCIAIS NA ATUALIDADE

2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br